



## ANGELA DAVIS, AS MULAS DO MUNDO E A MÚSICA: POR UM NOVO PARADIGMA

NATHALIA NASCIMENTO BARROSO<sup>1</sup>  
E  
IMACULADA MARIA GUIMARÃES KANGUSSU<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo deseja apresentar possibilidades de mudanças de paradigma a partir da proposta da filósofa americana Angela Davis de considerar as mulheres negras como o mais elevado padrão de medida da humanidade. Ilustramos esta proposta contemporânea com a investigação realizada pela autora em *Blues Legacies and Black Feminism. Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith e Billie Holiday* (1998), onde fica claro como o blues, através da música, influenciou a práxis do universo feminino. Tendo como objetivo a ampla delimitação da mulher que permeia as obras da autora, vamos mostrar como se constrói a afirmação do sujeito feminino negro ao longo da história, salientando como a interseccionalidade é imprescindível quando o tema é o feminismo. Em outras palavras, é necessária e fundamental a análise de aproximações e distanciamentos existentes entre as pautas levantadas pelas teorias do feminismo, trazendo à baila a importância de se pensar gênero, raça e classe como intrincados e não separados entre si.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo Negro, Gênero, Raça, Mudança de paradigma.

**ABSTRACT:** This article aims to present possibilities for paradigm shifts based on the proposal of the American philosopher Angela Davis to consider black women as the highest standard of measurement for humanity. We illustrate this contemporary proposal with the research carried out by the author in *Blues Legacies and Black Feminism. Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday* (1998), where it is clear how the blues, through music, influenced the praxis of the female universe. Aiming at the broad outline of the woman that permeates the author's works, we will show how the affirmation of the black female subject is constructed throughout history, highlighting how intersectionality is essential when the theme is feminism. In other words, it is necessary and fundamental the analysis of existing approaches and distances between the guidelines raised by the theories of feminism, bringing to the fore the importance of thinking about gender, race and class as intricate and not separated from each other.

**KEYWORDS:** Black Feminism, Gender, Race, Paradigm Change.

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: barrosonascimento@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora Titular de Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: lekangussu@gmail.com.

“O que acontece se imaginarmos as mulheres negras como a medida da humanidade?”, pergunta Angela Davis, “Zora Neale Hurston nos lembra que a mulher Negra é a mula do mundo. E se as mulas do mundo passarem a ser mesmo o máximo da humanidade? (*What if the mules of the world become the very height of humanity?*) Essa é a questão que tem sido posta pela revolta da juventude hoje” (Davis, 2017, p.x).

Essa questão propõe uma outra ontologia. Para pensarmos um novo paradigma, com ajuda de Angela Davis, pessoas Negras deveriam ser não apenas a medida de cidadania, mas a própria medida da humanidade. Ao colocar a questão, a ativista e intelectual ultrapassa a identidade racial, e qualquer outra postura identitária, e abraça franca e declaradamente sua já revelada perspectiva interseccional. Em suas palavras, a Tradição Negra Radical (*Black Radical Tradition*)<sup>3</sup> “pode certamente ser descrita como uma manifestação histórica eloquente da Grande Recusa. Essa tradição tem sido abraçada não apenas por afrodescendentes, mas também por todas as pessoas que recusam a assimilação em estruturas opressivas e apoiam a libertação de todo mundo” (Davis, 2017, p.viii)

A metáfora da “mula do mundo” usada por Angela Davis aparece no romance *Their Eyes Were Watching God*, de Zora Neale Hurston, publicado em 1937 (traduzido no Brasil como *Seus olhos viam deus*), quando Nanny, a avó da heroína, Janie Crawford, adverte a neta: “de nigger woman is de mule uh de world so fur as Ah can see. An been prayni’ fuh it tuh be different wid you” (Hurston 1999, p.14). Traduzindo com sacrifício do sotaque, “a mulher negra é a mula do mundo, até onde posso ver. E estou rezando para que isso seja diferente com você.”

Como se pode perceber, a observação da personagem de Hurston é, ao mesmo tempo, um lamento pelo destino das mulheres negras e o desejo por um destino diferente. Intelectuais respeitáveis, dedicadas ao estudo do feminismo negro, examinando intersecções entre raça, gênero e capitalismo, têm empregado e desdobrado conceitualmente a metáfora de Hurston. A relevância do assunto é bastante bem apresentada por Stayce Patton (2010).<sup>4</sup> Apesar da importância desses estudos e de seus efeitos sociais, o presente artigo vai se concentrar na pergunta de Angela Davis (“*What if the mules of the world become the very height of humanity?*”), pelas transformações na moldura através da qual percebemos o mundo por ela implicadas. Essa nova consideração, proposta por Davis a partir da metáfora de Hurston, implica uma mudança de paradigma e leva a uma nova ontologia focada na menor das menores.

---

<sup>3</sup> Na tradução, escolhemos manter as maiúsculas usadas na língua original.

<sup>4</sup> Cf. PARKS. *Fierce Angels: The Strong Black Woman in American Life and Culture*. New York: Handom House, 2010; e Tamara BEAUBOEUF- LAFONTANT. *Behind the Mask of the Strong Black Woman: Voice and Embodiment of a Costly Performance*. Philadelphia: Temple University Press, 2009.

Se as mulas do mundo são consideradas a medida da humanidade, todo mundo é considerado, está dentro, faz parte do jogo, ninguém fica excluído. Como assinalamos, o desejo de transformação pode ser percebido – em outra forma – na personagem de Hurston que, depois de dizer à neta que as mulheres negras são as mulas do mundo, acrescenta o desejo e a possibilidade de mudança: “An been prayni’ fuh it tuh be different wid you.”

A metáfora das “mulas do mundo”, o ponto de foco da proposta, é encontrada em uma obra de ficção. Entrevistada sobre a morte de Toni Morrison, Angela Davis afirma que a arte pode mudar radicalmente nossas vidas, pode transformar a sensibilidade coletiva, “pode transformar nossas maneiras de pensar, e de sentir [...] o aspecto mais marcante é o modo como a arte transforma a mais horrível forma de sofrimento em beleza e alegria” (Davis, 2018). Foi essa a grande realização do blues, um poderoso veículo para as mulheres negras expressarem seus desejos e compartilharem experiências singulares e, ao mesmo tempo, comuns a outras mulheres. Através das canções, artistas negras retratavam realidades, os sentimentos delas, o repúdio pela situação existente e o desejo de outra realidade. Foram compostas músicas com as quais as ouvintes rapidamente se identificavam. As canções criavam uma expressão artística compartilhada de fatos e emoções que, até então, eram vividas em solidão, muitas vezes acompanhadas de culpa e vergonha. As divas do blues construíram momentos compartilhados nos quais os sentimentos e pensamentos das mulheres, impedidos de encontrar espaço próprio no chamado mundo real, puderam finalmente ser experimentados. Desejos expressos são desejos incorporados, encontram lugar no corpo, e encontram corpo nas canções. Mesmo quando ainda não é possível realizá-los, e a expressão (literalmente, “tirado da pressão”) ocorra apenas na dimensão estética, de alguma forma, é nessa dimensão que desejos proibidos ganham luz e se tornam visíveis. Ou audíveis, neste caso.

Desde o início de suas lutas, a música desempenhou papel fundamental na Tradição Negra Radical. O próprio título do livro de Angela Davis, *Freedom is a constant struggle*, é o título de uma canção bastante cantada pelos movimentos de libertação do último século, nos Estados Unidos, cujos versos dizem:

They say that freedom is a constant struggle.  
They say that freedom is a constant struggle.  
They say that freedom is a constant struggle.  
O Lord, we’ve struggled so long.  
We must be free; we must be free.

Cantadas em comunidade, as canções de liberdade (“*the songs of freedom, redemption songs*”, nos conhecidos versos de Bob Marley) levam ao desenvolvimento do amor próprio,

promovem autoconfiança, revigoram o autorespeito. Possuir certos espaços através da música cantada em conjunto pode produzir um sentido distinto da visão de quem você é: “você é um ser humano ao invés de ser uma mercadoria. Você é humano ao invés de ser um objeto. Você é humano ao invés de ser uma entidade. Você é humano ao invés de ser um ser manipulado” (West 2014: p.49). Continuando com as palavras de Cornel West, “durante a escravidão, nós pudemos manter a Tradição Negra Radical viva elevando nossas vozes – a música foi fundamental para manter a dignidade e a sanidade Negras” (West 2014: p.50). O filósofo insiste nessa tecla: “a música foi realmente o meio fundamental através do qual as pessoas Negras foram capazes de preservar sanidade e dignidade e, nos melhores casos, dignidade” (West 2014: p.116).

Também Martin Luther King Jr. considerou a música como a alma (soul) e as antenas do movimento de libertação. Segundo sua percepção, as canções uniam as pessoas e infundiam-lhes coragem. “Elas são mais do que a encarnação de frases inteligentes planejadas para dar vigor a uma campanha; elas são tão antigas quanto a história do Negro na América”, escreve King, “nós cantamos as canções de liberdade hoje pela mesma razão pela qual os escravos as cantavam, porque nós também estamos em cativeiro e as canções acrescentam esperança à nossa determinação, ‘*We shall overcome, Black and White together, we shall overcome someday*’ (nós temos de superar, Negros e Brancos juntos, nós temos de superar algum dia)” (King 2000: p.64). King considerava esta canção, “*We shall overcome*”, como o hino de batalha do movimento de libertação.

O blues foi a primeira forma artística tipicamente negra surgida após a abolição da escravatura nos Estados Unidos e as mulheres negras emergem como cantoras de blues na década de 1920. Em *Mulheres, Raça e Classe* (2016) Davis elabora um estudo sobre a história e as condições de vida da população negra norte-americana, com ênfase nas condições enfrentadas pelas mulheres negras. A autora apresenta em sua obra inúmeros casos de violências sofridas pelas mulheres negras, como os estupros, uma violência cometida como parte de um conjunto de estratégias para a manutenção do regime, primeiramente escravagista, e após a abolição, como forma de manter o poder dos homens sobre as mulheres negras. Salienta-se que as mulheres negras foram amplamente silenciadas e que o silêncio diante da violência doméstica por elas sofrida permaneceu durante muito tempo. A unidade negra acabou por silenciar mulheres a fim de proteger um companheiro do movimento negro que batia em sua mulher. A busca pela união entre os negros levou, bastante amiúde, a silêncio sobre abusos, isentando com isso os culpados de terem de responder publicamente por seus atos.

Nos anos 1920, as cantoras de blues discordaram, colocaram-se contra tal silenciamento, e sabiam exatamente como falar dos problemas existentes nos relacionamentos, e das violências cometidas contra suas irmãs negras. Elas nunca esconderam a violência doméstica, nunca fingiram que isso não acontecia, pelo contrário, denunciavam-na em suas letras e isso fazia com que outras mulheres também se indignassem, não aceitassem e buscassem um meio para fugir do ciclo de violências no qual viviam.

No livro *Blues Legacies and Black Feminism Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith e Billie Holiday* (1998), os caminhos do blues são percorridos através das histórias das três cantoras nomeadas no título. Angela Davis apresenta o blues como a forma que as mulheres negras encontraram de conseguir fazer sua voz ser ouvida. De conseguir, ao mesmo tempo, pertencer ao “não lugar”, e fazer com que quem estivesse ocupando os lugares “de fato” escutasse as mazelas por elas sofridas. *Blues Legacies and Black Feminism* deixa clara a potência da música no movimento de um incipiente feminismo negro alcançar amplo número de mulheres. E não apenas de mulheres.

De acordo com Angela Davis, o blues fez com as mulheres escutassem, nas letras das canções, os abusos que sofriam serem retratados e publicamente apresentados: o que as tirava da condição de sofrerem sozinhas. Com isso, abriam-se oportunidades para reação e organização por parte das mulheres negras, agora cientes da existência de muitas outras em situações semelhantes, de não estarem lutando por si só. Abriu-se a perspectiva de, unidas, somarem forças e conquistarem voz. Para a autora “o nascimento do blues foi uma evidência estética de novas realidades psicológicas dentro da população negra.” (Davis, 1998, p. 5).

Ao longo de suas obras, Davis demonstra a importância de entender a história em curso e sua relação com a individualidade, e principalmente, com aqueles que sofrem maiores opressões. A análise da história de formação da América possibilita associar as pautas apresentadas pela luta de classes àquelas relacionadas pelos movimentos raciais, de gênero e de identidade. O movimento feminista que estava em ascensão nos Estados Unidos na década de 1960 apresentou uma relação bastante conflituosa com as mulheres negras, que eram constantemente invisibilizadas e silenciadas. A autora apresenta uma crítica a tal feminismo, considerado por muitos como o “feminismo tradicional”, pois este reivindica a existência de uma essência feminina, de um ser mulher universal. É preciso pensar o feminismo enquanto uma luta que se correlaciona com amplas lutas de libertação. Davis defende a importância de se pensar o feminismo enquanto teoria e prática que se combinam para o combate às desigualdades, para o enfrentamento do patriarcado e do capitalismo em curso. Necessita-se

pensar as inúmeras formas de ser mulher e as inúmeras maneiras de opressão. É imprescindível pensar teorias e práticas feministas abolicionistas que vão além daquilo que é considerado “normal”, além de não se apegar apenas ao conceito de gênero.

Angela Davis nasceu no sul dos Estados Unidos, em Alabama (Birmingham), cidade extremamente segregacionista, e cresceu na atmosfera de terror de um bairro marcado por explosões de igrejas e casas de famílias negras. Ouvir ruídos estranhos vindos de fora da casa e ver seu pai pegar a arma para sair e averiguar se a Ku Klux Klan havia colocado bombas no quintal fazia parte do cotidiano em sua infância. A autora frequentou escolas, igrejas, parques e bibliotecas segregadas. Fora de casa e das comunidades negras, a mensagem da sociedade era clara: você é inferior.

Ao receber uma bolsa de estudos em 1959, paga pelo Comitê de Serviço dos Amigos Americanos (*American Friends Service Committee*), muda-se para New York e tem seu primeiro contato com as teses comunistas, assim como o início de sua militância no movimento estudantil. Muda-se para Massachusetts e, em 1961, inicia sua graduação na Universidade de Brandeis, com especialização em literatura francesa. Apesar de estudar literatura francesa, começou a se interessar cada vez mais pela filosofia. Em 1964-65 conhece o filósofo alemão Herbert Marcuse e começa a receber sua orientação nos estudos de filosofia. Finaliza sua graduação em 1965 e, em seguida, consegue uma bolsa de estudos fornecida pelo governo da Alemanha Ocidental para ir estudar na Universidade de Goethe, em Frankfurt, tendo como orientadores Theodor Adorno e Oskar Negt. Regressa aos Estados Unidos em 1967, para encerrar sua pós-graduação e participar mais ativamente dos movimentos, que estavam emergindo, de luta contra o capitalismo e o racismo. O ano de 1968 é marcado por sua aproximação com o Partido dos Panteras Negras e com o Partido Comunista.

Em 1969, Angela Davis foi demitida da universidade da Califórnia, por ser membro do Partido Comunista. Herbert Marcuse, na época professor na UCLA, discursa em defesa de sua então orientanda, advertindo ser ela a vítima ideal, por distintas razões: “ela é negra, ela é militante, ela é comunista, ela é altamente inteligente, ela é bonita. E esta combinação é mais do que o sistema pode tolerar” (Davis & Marcuse 1969, p.1). Em agosto de 1970, Angela Davis foi acusada de sequestro e assassinato e colocada na lista das dez pessoas mais procuradas pelo FBI. Presa em outubro deste ano foi tratada como terrorista de alta periculosidade. Sua prisão provocou intensa reação, em todo mundo surgiram centenas de comitês pela sua libertação. Em sua homenagem, Mike Jagger compôs “Sweet Black Angel”, Jonh Lennon e Yoko Ono compuseram “Angela”.

Depois de um ano e meio encarcerada, Angela Davis foi considerada inocente – por um júri composto exclusivamente por pessoas brancas. Somou então a seu histórico de resistência a luta contra a prisão indiscriminada e pela defesa das mulheres negras gays aprisionadas. Sua visão vai se tornando cada vez mais ampla. “Não se trata apenas de livrar-se do encarceramento em massa, embora isso seja importante. Trata-se de transformar a sociedade inteira” (Davis 2016a). Angela Davis propõe um feminismo inclusivo, interseccional, em luta contra o racismo, a homofobia, a mudança climática, contra qualquer forma de discriminação identitária e, sobretudo, contra o capitalismo, contra a criminosa desigualdade e a condenação à miséria dele decorrentes. Intelectual e ativista, salienta com todas as letras a necessidade de mudanças radicais. Em suas palavras:

Penso que nossas noções sobre o que conta como radical mudou ao longo do tempo. Autocuidado e cura e atenção ao corpo e à dimensão espiritual – tudo isso agora faz parte das lutas radicais por justiça social. Isso não acontecia antes. E eu penso que agora nós estamos pensando profundamente sobre a conexão entre vida interior e o que acontece no mundo social. Mesmo aqueles (who those) que estão lutando contra a violência do estado, constantemente incorporam impulsos que estão baseados na violência do estado em suas relações com outras pessoas. (Davis 2016a)

De olho na mudança de paradigma, vale voltar à música negra, um bom exemplo de como a dimensão estética pode ser uma grande aliada na proposta transformadora: em primeiro lugar, por ter criado sólidas comunidades de resistência entre a população afrodescendente e levado a transformações crescentes. Em segundo lugar, e não menos importante, por ter sido poderosa o suficiente para levar os brancos a se renderem a ela, mesmo nos Estados Unidos nos terríveis tempos de segregação racial. O jazz se fez presente na história da filosofia existencialista: Sartre registrou o novo ritmo e os novos sentimentos, novas maneiras tanto de pensar quanto de viver, trazidos juntos, em, por exemplo, *A Náusea*. E o blues, como Angela Davis evidencia, foi um elemento transformador na vida das mulheres negras. A possibilidade de o blues representar e sustentar a consciência feminista, que se mostrava emergente à época, reside no fato das canções possuírem narradoras mulheres e cantoras que não se apresentavam inteiramente subservientes ao desejo masculino. Ao contrário, esse novo modelo feminino apresenta o desejo de autonomia das mulheres, assim como, simultaneamente, realizam a recusa em serem maltratadas e tripudiadas por amantes, patrões, famílias, ou quem quer que seja.

*Blues Legacies and Black Feminism* demonstra a possibilidade existente na música de se falar o indescritível, de comunicar ideias. Angela Davis explica que, inicialmente, a música composta pelos negros escravizados possuía a voz humana desacompanhada pois o tambor havia sido banido pelos senhores de escravos como forma de se evitar a comunicação

clandestina entre os negros, o que poderia ocorrer através do ritmo das batidas no tambor. Desde os tempos da escravização, os negros comunicavam-se uns com os outros através das músicas, possibilitando o surgimento do sentimento de pertencimento a uma comunidade que poderia desafiar a identidade coletiva imposta, a de escravizados. Tal capacidade de transmitir diferentes significados e de falar o indescritível foi mantida e assimilada pelas cantoras de blues que emergiram no século XX.

As cantoras de blues inauguraram um novo modo de se viver uma política cultural que havia sido criada por elas, possibilitaram uma nova forma de se pensar a mulher, particularmente a mulher negra. O blues enfrenta matérias emocionais, sexuais e históricas que são associadas à realidade histórica específica, muitas das letras apresentam declarações complexas que transcendem as particularidades das cantoras e assumem uma forma de denúncia sobre uma condição comum às mulheres negras. Para Davis “através do blues, os problemas ameaçadores são extraídos da experiência individual isolada e reestruturados como problemas compartilhados pela comunidade.” (Davis, 1998, p.36).

O fim do período escravagista nos Estados Unidos não trouxe aos negros uma liberdade econômica ou autonomia política, porém criou a possibilidade de que novos tipos de relações pudessem se estabelecer entre os indivíduos negros. Os negros puderam criar novas formas de se avaliarem e se afirmarem enquanto indivíduos. O blues permitiu e forneceu representações culturais da nova individualidade negra, em especial o blues de autoria feminina que serviu como base para a elaboração e afirmação de uma independência para as mulheres negras. O blues permitiu que a comunidade feminina se envolvesse esteticamente com ideias e com experiências que não estavam acessíveis a estas mulheres no chamado mundo real.

O blues como um gênero marcou ponto no desenvolvimento histórico dos afro-americanos no momento em que as comunidades negras pareciam abertas a todo tipo de novas possibilidades. Foi uma forma musical cuja celebração de transformações e contestação da exploração teve um significado especial para as mulheres afro-americanas. Oferecia-lhes a possibilidade de desafiar as normas sociais que governam o lugar das mulheres dentro da comunidade e dentro da sociedade em geral. (Davis, 1998, p.74)

O blues apresenta-se enquanto uma expressão individual de uma coletividade, as músicas são voltadas para o interior do ouvinte demonstrando que existe a possibilidade de ressignificação no exterior das vidas dos negros. Davis apresenta a estética do blues como uma estética da autoconsciência, a qual não relega às margens ninguém e nenhum tipo de comportamento. O blues se coloca aberto para todos os assuntos que possam atingir e dizer algo a respeito da comunidade negra. É possível notar um caráter socializador que se torna

consciente da natureza compartilhada pelas experiências emocionais, portanto o blues sempre apresenta um caráter coletivo.

A liberdade da imaginação, capaz de transcender as formas dadas e criar novas, pode se converter em um conceito regulador da razão, em guia para a transformação da realidade de acordo com as potencialidades nela existentes. Para que isto aconteça, pode-se perceber alguns pré-requisitos: em primeiro lugar, desejo de transformação implica a transformação dos desejos. Antes de realizar-se no mundo objetivo, uma mudança precisa ter acontecido de fato na interioridade subjetiva. Se por um lado partir de um fundamento subjetivo gera sempre algum grau de relativismo, por outro lado, ao contrário, a superação de restrições objetivas exteriores pode ser percebida como a condição *sine qua non* para a autonomia da consciência. É preciso ter experimentado a liberdade – mesmo que apenas através da música – para desejar ser livre.

Um segundo pré-requisito é a capacidade de os sentidos experimentarem, para além das qualidades dadas, as qualidades ocultas no dado que permitiriam a emergência da consciência. A capacidade de perceber os fatores atrás dos fatos. Tal capacidade redefine a sensibilidade como prática ativa e incorpora a ideia de liberdade sem que esta perca o seu conteúdo transcendente. Os sentidos podem ser não apenas a base da constituição epistemológica da realidade, mas também da transformação desta. Certas canções colocam as coisas nos seus devidos lugares, nos lugares que elas não têm no chamado mundo real e, com essa transformação, elas podem nele encontrar seu lugar próprio.

Para terminar com a proposta de mudança de paradigma, deixamos aqui um recado de Angela Davis: “Nós temos de imaginar o tipo de sociedade que desejamos habitar. Não podemos simplesmente assumir que, de alguma forma, magicamente criaremos uma sociedade na qual haverá novos seres humanos. Não, nós temos de começar o processo de criar a sociedade que desejamos agora” (Davis 2016a).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, Angela Y. (1998). *Blues Legacies and Black Feminism: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday*. New York: Vintage.

DAVIS, Angela Y. (2016). *Freedom is a constant struggle*. Chicago: Haymarket Books.

DAVIS, Angela Y & DAVIS, Fania (2016a). “The Radical Work of Healing: Fania and Angela Davis on a New Kind of Civil Rights Activism”, entrevistadas por Sarah van Gelder, Feb 19, 2016, em [www.yesmagazine.org](http://www.yesmagazine.org)

DAVIS, Angela Y. (2017). “Foreword”, in LAMAS, Andrew T.; WOLFSON, Todd; FUNKE, Peter N. (Editors). *The Great Refusal. Herbert Marcuse and Contemporary Social Movements*. Philadelphia: Temple University Press.

DAVIS, Angela Y. (2016). *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo.

DAVIS, Angela (2018). “Toni Morrison”, entrevista no youtube.

DAVIS, Angela & MARCUSE, Herbert (1969). “Talks by Angela Davis and Herbert Marcuse”, microfilm ZT-992, New York City Public Library.

HURSTON, Zora Neale (1999). *Their Eyes Were Watching God*. New York: Perennial Classics.

KING Jr., Martin Luther (2000). “New Day in Birmingham”, in *Why we can't wait*. New York: Signet Classics.

PATTON, Stayce (2010). <https://www.wcwnonline.org/WRB-Issues/the-mules-of-the-world>

WEST, Cornel (2014). *Black Prophetic Fire*. Boston: Beacon Press.